

Negociador volta, sob clima tenso

O diretor para assuntos da dívida externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, retornou ontem de Nova Iorque e refugiou-se em fazenda próxima de São Paulo para passar o Carnaval, sem contato com a imprensa, após as tensas conversações que manteve com banqueiros norte-americanos, ao longo da primeira semana posterior à declaração brasileira de moratória da dívida a credores privados. O telex da última quinta-feira de justificativa da suspensão dos saques de depósitos interbancários em agências de bancos brasileiros no Exterior pouco contribuiu para reduzir a irritação dos credores externos.

Na sexta-feira, o chefe do Departamento de Operações Internacionais do Banco Central, Emílio Garófalo, manteve intensos contatos com dirigentes de bancos brasileiros no Exterior e com representantes dos bancos estrangeiros para explicar que, ao contrário do que estabeleceu o telex do BC de segunda-feira, não existe o congelamento compulsório dos depósitos interbancários. O telex de esclarecimento de quinta-feira à comunidade financeira internacional informou que estão liberados os depósitos voluntários e aqueles excedentes ao volume de comprometimento formal de cada banco, conforme o acordo de setembro último da fase 3 de renegociação da dívida, porém, novamente, não fez qualquer menção ao caráter facultativo das restrições aos saques.

O presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Antônio Pádua da Rocha Diniz, disse que só o governo pode explicar — “talvez, como parte de uma estratégia negocial mantida em sigilo” — o telex de segunda-feira que instituiu a centralização dos saques de depósitos interbancários no Banco Central. Para Rocha Diniz, dirigente do Banco Nacional, com agências em Nova Iorque e Miami e escritório em Londres, o telex de

restrições aos saques “poderia ser melhor articulado”.

Além de problemas até de natureza jurídica, o presidente da Febraban observou que a produção de saques de depósitos representa tipo de medidas que “estão ao arrepio do conceito de negociação e não favorecem o clima de boa vontade nas negociações”. O vice-presidente do Banco Real, o banco privado brasileiro com maior rede de agências no exterior, Juarez Soares, disse que a centralização no Banco Central é interessante para os grandes credores, à medida que inibe iniciativas de saques por parte dos pequenos bancos regionais.

O presidente do Banco Sogeral, associado ao Banque Nationale de Paris, Elmo Camões, até justificou as restrições criadas na segunda-feira pelos diretores para assuntos da dívida externa e da área externa do Banco Central, Pádua Seixas e Carlos Eduardo de Freitas, diante das pressões de saques de “alguns bancos pequenos da costa Oeste dos Estados Unidos”.

“Isso não irrita ninguém” — afirmou Camões, ao comentar a polêmica que envolveu o telex de segunda-feira. Em sua opinião, ninguém gosta de moratória, mas a deterioração das contas externas do País tornou previsível a decisão do presidente José Sarney. “A moratória não surpreendeu e foi positiva a reação da comunidade financeira internacional. Agora, cabe ao governo assegurar o bom encaminhamento das negociações para a suspensão da moratória, mediante a apresentação aos credores de um programa de ajuste interno da economia” — disse ele.

Com ou sem monitoramento do Fundo Monetário Internacional (FMI), Camões disse que o importante será arrumar a casa e, neste aspecto, qualificou como inevitáveis medidas de choque. Observou que não há como escapar do apertar o cinto e a recessão será “quase consequência” das medidas inevitáveis.